

Património em perigo



por **Nuno Teotónio Pereira**¹
Arquitecto

O Forte da Graça, localizado a 400 m de altitude no cume de um monte dominando a cidade de Elvas, é sem dúvida o monumento singular de maior importância no conjunto das fortalezas abaluartadas do continente português.

As obras foram iniciadas em 1763 por ordem de Pombal e debaixo da orientação do Conde de Lippe, autor do respectivo projecto. A intenção foi a de cobrir a praça-forte de Elvas, cidade que dispõe do mais vasto e sofisticado sistema de defesa no nosso território. Isto porque, durante o cerco das tropas espanholas na guerra da Restauração, em 1658/59, o exército inimigo havia colocado no cimo do monte – onde existia uma ermida sob a invocação de N^a Senhora da Graça – uma bateria de artilharia que flagelou duramente a cidade. Dirigidas pelo tenente-coronel de Engenharia, de origem francesa, Guilherme Luis Valléré, os trabalhos terminaram cerca de trinta anos mais tarde. Constituído por três linhas principais de defesa, dotadas de revelins e baluartes, e dois fossos, tem um reduto central de planta octogonal que se desenvolve em seis pisos, dando lugar no seu interior a majestosos espaços abobadados, entre salas e galerias. É neste recinto

que se situam a capela e a casa do governador. Para dar ideia da grandeza da fortificação, basta dizer que a sua guarnição era de 1792 homens e dispunha de 140 bocas de fogo. Duas portas monumentais, sendo a exterior conhecida por “Porta do Dragão”, atestam a grandeza arquitectónica desta portentosa fortaleza. Diminuída a importância defensiva do monumento, começou o mesmo a ser utilizado como “depósito disciplinar” em 1886. Esta função tornou o forte bem conhecido no meio militar ao longo de um século, pois os prisioneiros eram obrigados ao suplício da “barrilada”, que consistia no transporte de um barril de água às costas pela encosta acima sob a vigilância dos guardas. O presídio foi extinto em 1989, data em que o forte foi desactivado.

Desde então a fortaleza está à guarda de dois soldados, podendo ser visitado mediante licença emitida pelas autoridades militares de Elvas. Mas quando se percorre o deslumbrante monumento faz doer verificar o estado de abandono e esquecimento a que foi votado aquele que é sem dúvida o nosso mais emblemático exemplar da arte da fortificação.

Perante esta penosa situação, algumas sugestões têm sido avançadas nos últimos anos com vista ao restauro e à reutilização do Forte da Graça. Mas a mais acertada e que merece todo o apoio é indubitavelmente a da instalação no local de um Museu da Fortificação Portuguesa, contemplando não apenas as construções no nosso território, mas também as que foram erguidas noutras partes do mundo. O estudo coordenado por Rafael Moreira “Fortificações Portuguesas no Mundo” dá-nos uma ideia da riqueza e importância de um extraordinário espólio arquitectónico que tarda em ser conhecido e divulgado.

Melhor local para a instalação deste museu não se poderá encontrar. Mas ainda mais: porque não concentrar no Forte da Graça toda a documen-

tação sobre o tema hoje dispersa e especialmente a que se encontra no Arquivo Histórico Militar e no Serviço de Fortificações e Obras Militares, em Lisboa? Seria uma boa aposta na descentralização cultural, já que o acesso aos estudiosos não seria dificultado, pois a auto-estrada recentemente concluída coloca Elvas a menos de duas horas da capital. Há quem diga que tal projecto é demasiado ambicioso pelos elevados custos que envolve, não só no que respeita às obras de restauro e instalação, como também em termos de manutenção de uma tal estrutura museológica e documental. Tais re-



A Porta do Dragão no Forte da Graça

ceios no entanto só significam que a atenção dada ao património arquitectónico nas suas diferentes vertentes ainda é muito restritiva. Pois é lamentável que um monumento de tal importância, singularidade e magnificência espacial permaneça vedado à fruição pública.

É bem sabido que a melhor forma de preservar os monumentos é dar-lhes uma função ao mesmo tempo útil e digna – e, quando possível, ajustada à sua natureza. Porque não congrega esforços do Ministério da Defesa, do IPPAR, da DGEMN, da Câmara de Elvas, do IPM e da Associação dos Amigos dos Castelos para concretizar este objectivo? O Forte da Graça está à espera. ■

¹Nuno Teotónio Pereira, Arquitecto pela Escola de Belas Artes de Lisboa, é autor de numerosos artigos e ensaios sobre Arquitectura, Habitação, Urbanismo, Património e Território. E também autor ou co-autor de diversos projectos de arquitectura